

## HANNAH ARENDT: um olhar para educação

Daiana dos Santos Silva\*

**RESUMO:** *Este artigo trata de conceitos sobre a educação da pensadora Hannah Arendt que se fizeram presentes no percurso de um estudo monográfico no campo da filosofia. Apresenta o despertar da autora para a educação, bem como seu conceito de educação de modo geral e, nesse contexto, a questão da criança, enquanto ser que nasce e se desenvolve. Por fim, a relação entre a filósofa e a educação. Quais os pontos em comum entre o pensamento de Arendt e a educação hoje.*

**Palavras-chave:** Criança; Educação; Conceito de educação; Crise na educação.

### INTRODUÇÃO

As concepções apresentadas neste artigo expressam um olhar para educação do ponto de vista de Hannah Arendt. Concepções que se fazem presentes no percurso de um estudo monográfico no campo da filosofia. Meu interesse, neste estudo ainda em processo, está voltado, prioritariamente, para a situação de crise da educação nos dias atuais. Privilegiei, portanto, como objeto de estudo, a crise na educação sob a ótica do pensamento de Hannah Arendt.

O trato com um estudo mais verticalizado em filosofia com um tema relacionado à educação ensinou-me e vem ensinando-me muitas coisas. Sobretudo a importância de compreender questões filosóficas com fundamentos da autora Arendt e de identificar elementos da área e do campo da educação em crise. Por exemplo, o conceito de educação, a relação entre o educador/adulto e a criança, a questão da autoridade, o conceito de esfera pública e esfera privada. E um outro aspecto significativo para este estudo bibliográfico à leitura da biografia da autora Hannah Arendt, como campo da particularidade e, nesta leitura, identifiquei sua relação com filósofos de sua geração, como Martin Heidegger, Karl Jaspers e outros.

Aos poucos me dei conta do vasto material filosófico da autora e dos muitos estudos específicos sobre a importância desta filósofa do Século XX para o pensamento filosófico e para a educação.

Com esta perspectiva em vista, o estudo não se detém em uma análise intensiva de seu pensamento filosófico nem se dedica a um levantamento detalhado dos aspectos históricos da educação do período. Neste artigo pretendo percorrer o caminho conceitual do olhar de Arendt para a educação.

### O DESPERTAR

Hannah Arendt é uma escritora do século XX, sua principal preocupação é com a política. Ela também escreveu sobre Filosofia e Educação. Seu interesse pela educação começou quando em 1957 teve início o episódio em Little Rock. Arendt ficava inquieta com aquelas notícias, pois, “Em 1957, tropas tentaram implantar pela força a educação integrada de escolares

---

\* Daiana Silva é estudante do curso de Licenciatura e Bacharelado em Filosofia na UCSAL. Orientadora – Professora Nilda Moeira Santos.

negros e brancos em Little Rock, a capital do estado de Arkansas, onde o próprio governador contestava as novas leis federais. Houve violentos distúrbios de rua e um debate furioso incendiou a América.” (May, 1998, p. 85).

Após este acontecimento acima referido, no ano de 1959 Arendt publicou um artigo intitulado “Reflections on Little Rock” ou (Reflexões sobre Little Rock). O que mais despertou atenção desta escritora seria a publicação de uma fotografia numa revista cujo nome é Life. O que tinha de curioso nesta fotografia para ter atraído atenção de Arendt? Uma menina de pele negra que estava voltando para o seu lar escoltada pela polícia, porque outras crianças de pele branca a perseguia por freqüentar a mesma escola que eles. O que teria pensado Arendt sobre esta situação? Ela que defende a igualdade das mulheres perante os homens; a dos judeus perante o mundo.

Segundo May Derwent, para Hannah Arendt “[...], esta era justamente o tipo de situação a que crianças, acima de tudo, não deviam ser expostas. Era um ataque a seu orgulho e confiança em si mesmas do qual talvez tivessem muita dificuldade para se recuperar.” (May, 1998, p. 86). Foi a partir das reflexões sobre Little Rock que Arendt começa a pensar a respeito da educação e partindo para pensar a educação de um modo geral. Vejamos abaixo, o que o livro de May Derwent (1998, p. 87) nos apresenta sobre como se formou o pensamento de Hannah Arendt a propósito da importância da educação de um modo geral.

Seus pensamentos, porém continuaram com aquela menininha e levaram-na a refletir sobre a questão mais geral da educação em um artigo intitulado ‘A crise na educação’, publicado na *partisan Review*. Crianças e jovens ocupavam suas reflexões nessa ocasião, parcialmente por causa de seus contatos regulares com estudantes em diferentes universidades e faculdades, e até certo ponto porque ela via o nascimento das crianças, e na nova liberdade de ação que cada uma delas poderia exercer quando chegasse à maturidade, o tipo de ‘começo’ que, nesse momento, lhe saturava o pensamento e que vimos prenunciados nas últimas palavras de *The origins of Totalitarianism*. Chamava seus alunos de ‘as crianças’ e, às vezes, murmurava uma de suas citações favoritas de Goethe, um verso de Fausto, sobre um estudante brilhante: ‘Pois o solo os produzirá novamente, como sempre fez’.

Daí nasce sua relação possível com o campo educacional. Seus pensamentos continuam com aquela menininha, que a leva a refletir o problema da educação no mundo moderno, destacando que a função da escola é ensinar às crianças como o mundo é.

## O CONCEITO

O tema do nosso trabalho é a respeito de Arendt e a educação. Já discutimos “*an passant*” como se iniciou o interesse da pensadora Hannah Arendt pela educação. Mas afinal o que é educação? A palavra educação, na sua etimologia significa: “*lat educatio*, instrução, formação do espírito.”. (RUSS, 1994, P.78).

O livro *O que é educação* do autor Carlos Rodrigues Brandão (1983. p.35) nos explica que:

[...], a educação surge na Grécia e vai para Roma, ao longo de muitos séculos da história de espartanos, atenienses e romanos. Deles deriva todo o nosso sistema de ensino e, sobre a educação que havia em Atenas, até mesmo as sociedades capitalistas mais tecnologicamente avançadas têm feito poucas inovações. Talvez

estejam, portanto, entre os seus inventos e escolas, algumas das respostas às nossas perguntas.

A educação nasceu na Grécia, onde também nasceu a filosofia. A filosofia não é algo separado da educação e nem a educação da filosofia, elas caminham juntas. A filosofia é bastante importante para a educação. Não seria uma coincidência as duas áreas de conhecimento terem nascidas e sistematizadas no mesmo local: Grécia Antiga. Embora a educação tenha surgido como ação desde o surgimento do homem na Terra. Mas, a filosofia tem o papel de planejamento educacional, ou seja, pensar a partir das dificuldades dos acontecimentos da realidade mostrando os impactos que a educação sofre com esses acontecimentos e que todos nós temos a responsabilidade de formar pessoas que irão atuar em nossa sociedade.

A educação por ser um termo polissêmico admite “n” conceitos, como este de Brandão (1983, p10): “A educação é, como outras, uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”. Uma concepção significativa para compreendermos a questão da educação do ponto de vista de Hannah Arendt.

## ARENDT E A EDUCAÇÃO

Passemos então, agora, a discutir, na ótica do pensamento de Arendt, a respeito do que seja educação. O que é educação para esta pensadora? No seu artigo *A crise na educação* encontramos a seguinte afirmação sobre educação. “[...], e a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres nascem para o mundo”. (Arendt, 1997, p. 223).

Buscando conhecer as contribuições filosóficas da autora Arendt em torno da questão da criança, tratemos agora da criança como objeto da educação. A criança corresponde a um duplo relacionamento: com o mundo e com a vida. Ela partilha o estado de vir a ser com todas as coisas vivas com respeito à vida e seu desenvolvimento. É um ser humano em processo de formação. Podemos citar o exemplo nos dado pela autora que é do mesmo modo que um gatinho é um gato em processo de formação, assim é a criança. Verifiquemos o seguinte pensamento da escritora Hannah Arendt a respeito da criança e da educação.

Se a criança não fosse um recém-chegado nesse mundo humano, porém simplesmente uma criatura viva ainda não concluída, a educação seria apenas uma função da vida e não teria que consistir em nada além da preocupação para com a preservação da vida e do treinamento e na prática do viver que todos os animais assumem em relação a seus filhos. (Arendt, 1997, p.235)

Como Arendt referiu-se acima que os animais em geral se preocupam com a preservação da espécie. Os humanos são diferentes desses animais porque não apenas trouxeram seus filhos à vida mediante a concepção e o nascimento, mas, simultaneamente, as introduziram em um mundo. Os pais assumem na educação a responsabilidade pela vida e desenvolvimento da criança, pela continuidade do mundo.

Arendt esclarece que o chamado “O século da criança” iria emancipar a criança e libertá-la dos padrões originários de um mundo adulto. Que processo de emancipação é este? O sentido real da emancipação é uma peculiaridade desta sociedade, de modo algum uma coisa necessária, considerar a vida, isto é, a vida terrena dos indivíduos e da família, como o bem supremo. Por este motivo em contraste com todas as atividades envolvidas em sua preservação e enriquecimento do ocultamento da privacidade, expondo-a à luz do mundo público. Essa

emancipação é de grande importância, na medida em que preenchem uma função necessária no processo vital da sociedade.

Precisamos estar mais vigilantes para não abordarmos a educação com instrumentos de análise simplificados. A própria Arendt nos adverte com as seguintes questões: Como pode então acontecer que as mais elementares condições de vida necessárias ao crescimento e desenvolvimento da criança fossem desprezadas ou simplesmente ignoradas? Como pode acontecer que se expusesse a criança àquilo que mais que qualquer outra coisa, caracterizava o mundo do adulto, o seu aspecto público, logo após se ter chegado à conclusão de que o erro em toda a educação passada fora ver a criança como não sendo mais que um adulto em tamanho reduzido? O motivo desse estranho estado de coisas: nada tem a ver (diretamente) com a educação deve ser procurado nos juízos e preconceitos acerca da natureza da vida privada, do mundo público e sua relação mútua, característicos da sociedade moderna desde o início dos tempos modernos.

Discutimos anteriormente qual o lugar tradicional da criança sob a ótica do pensamento de Arendt, que afirma que seria no seio da família, com uma explicação que nos levou ao que é o público e o privado. Consideremos agora a relação da criança com o brincar e o trabalho. Analisemos primeiramente o brincar, este era visto como o modo mais vivido e apropriado de comportamento da criança no mundo por ser a única forma de atividade que brota espontaneamente de sua existência enquanto criança. O brincar é uma espécie de simulação da vida real, pode ser encarado como um preparo para a futura realidade do mundo que a criança vai vivê-la: o brincar de casinha, de ser mãe, professora, e entre outras bricadeiras vai ser este despertar para o mundo em que a criança vive antes uma fantasia da realidade. Assim, portanto, está no brincar a atividade característica da criança. Nesse processo, por não levar em conta como a diluição da distinção entre o brincar e o trabalho temos a substituição de: da aprendizagem pelo fazer e do trabalho pelo brincar.

Com base nessa concepção, é importante considerar a chegada de novos seres humanos e como estes vão ser educados para este mundo. Arendt faz referência ao trabalho de Rousseau que, no século XVIII, foi desenvolvido um ideal educacional por ele pensado, que faz a educação ser um instrumento da política e considerando também a atividade política como forma de educar. Localizemos abaixo o pensamento da autora sobre este assunto:

Há o fato adicional, contudo, e que se tornou decisivo para o significado da educação, de que esse pathos do novo, embora consideravelmente anterior ao século XVIII, somente se desenvolveu conceitual e politicamente naquele século. Derivou-se dessa fonte, a princípio, um ideal educacional, impregnado de Rousseau e de fato diretamente influenciado por Rousseau, no qual a educação tornou-se um instrumento da política, e a própria atividade política foi concebida como forma de educação (Arendt, 1997, p.225).

Conforme o extrato acima, Hannah Arendt afirma que a educação está ligada à política. A escritora de *Entre o passado e o futuro*<sup>1</sup> argumenta o fato de se educar através da política. Para Arendt, quem quer educar deve proteger a pessoa que vai ser educada de se relacionar com a política; pois na política convivemos com indivíduos que têm personalidade formada, ou seja, que já estão intrínsecos os seus conceitos e pré-conceitos sobre os fatos. Desta forma não

---

<sup>1</sup> Entre o passado e o futuro é um livro escrito por Hannah Arendt. Neste livro o quinto capítulo fala da crise na educação. Este capítulo foi publicado inicialmente como um artigo na *partisan Review*.

podemos mais nos posicionar a esta personalidade. Compreendamos então a reflexão da autora sobre isso.

A educação não pode desempenhar papel nenhum na política, pois na política lidamos com aqueles que já estão educados. Quem quer que queira educar adultos na realidade pretende agir como guardião e impedi-los de atividade política. Como não se pode educar adultos, a palavra ‘educação’ soa mal em política; o que há é um simulacro de educação, enquanto o objetivo real é a coerção sem o uso da força” (Arendt,1997,p.225).

Neste sentido, coerção virou sinônima de educação. Esta coerção exposta por Arendt se produz não pela força e sim pela persuasão. É interessante notar que a pensadora agora não está mais preocupada com a educação da forma geral, mas sim com a educação na América<sup>2</sup>. Voltado o seu olhar para as crianças e seus pais que são imigrantes, recém-chegados à América. Arendt está preocupada com a educação das crianças e dos seus pais que também têm que se habituar a um novo país, com seus costumes e ao idioma que normalmente é diferente. A autora desperta em nós o seguinte pensamento: os recém chegados a América vivem uma ilusão de novo mundo. Quando na verdade não existe nada de novo, apenas o fato da chegada destas pessoas a está terra. Mas o mundo é o mesmo só a esperança que se renova nesta terra de imigrantes. Segue uma explicação muito interessante a respeito desta discussão, para nos dar mais clareza da chegada destas novas pessoas à (EUA).

O papel político que a educação efetivamente representa em uma terra de imigrantes, o fato de que as escolas não apenas servem para americanizar as crianças mas afetam também a seus pais, e de que aqui pessoas são de fato ajudadas a se desfazerem de um mundo antigo e a entrar em um novo mundo, tudo isso encoraja a ilusão de que o mundo novo está sendo construído mediante a educação das crianças. É claro que a verdadeira situação absolutamente não é esta o mundo no qual são introduzidas as crianças, mesmo na América, é um mundo velho, isto é um mundo preexistente, construído pelos vivos e pelos mortos, e só é novo para os que acabaram de penetrar nele pela emigração. Aqui, porém, a ilusão é mais forte do que a realidade, pois brota diretamente de uma experiência americana básica, qual seja, a de que é possível fundar uma nova ordem, e o que é mais, fundá-la com plena consciência de um *continuum* histórico, pois a frase ‘Novo Mundo’ retira seu significado de Velho Mundo, que embora admirável por outros motivos, foi rejeitado por não poder encontrar nenhuma solução para a pobreza e para a opressão. (Arendt, 1997, p.226).

Para a filósofa, a educação faz ponte no século XX para o emergir do pathos<sup>3</sup> do novo que faz com que apareça conseqüências sérias. Consideremos, portanto, a opinião da autora sobre a ilusão emergente do pathos do novo. “Com respeito à própria educação, a ilusão emergente do pathos do novo produziu suas conseqüências mais sérias apenas em nosso próprio século.”. (Arendt, 1997, p.226).

Vejam algumas afirmações de Arendt em relação aos tipos de ensino, o público e o particular. “Não entrarei em detalhes, e deixo de fora as escolas particulares e, sobretudo, o

<sup>2</sup> A autora assume o termo América para indicar o país Estados Unidos da América. Lugar onde ela viveu desde 1940 até a sua morte. No presente artigo usamos a sigla EUA para o termo América.

<sup>3</sup> É uma palavra grega que significa paixão, excesso, catástrofe, passagem, passividade, sofrimento e assujeitamento.

sistema escolar paroquial católico-romano”. (Arendt, 1997, p.227). No texto sobre *A crise na educação*, a autora afirma que educação é um direito. Sendo este direito importante nas escolas públicas isso faz com que todas as crianças tenham acesso às escolas. O ensino superior tem que preparar estes jovens, fazendo com que o ensino superior, com esta preparação, tenha uma sobrecarga de responsabilidades e atividades, que não deveria competir a ele (ao ensino superior) e sim às escolas secundárias, mas estas são extintas. Do seu ponto de vista Arendt afirma que:

[...], o direito à educação é um dos inalienáveis direitos cívicos. Este último foi decisivo para a estrutura do sistema de escolas públicas, porquanto escolas secundárias, no sentido europeu, constituem exceções. Como a frequência escolar obrigatória se estende à idade de dezesseis anos, toda criança deve chegar ao colégio, e o colégio é portanto, basicamente, uma espécie de continuação da escola primária. Em consequência dessa ausência de uma escola secundária, a preparação para o curso superior tem que ser proporcionada pelos próprios cursos superiores, cujos currículos padecem, por isso, de uma sobrecarga crônica, a qual afeta por sua vez a qualidade do trabalho ali realizado. (Arendt, 1997, p.228).

O conceito arendtiano de educação aparece no seu livro *Entre o passado e o futuro*, onde a crise na educação é profundamente analisada. Ela afirma que a educação, ao contrário da aprendizagem, precisa ter um final possível e que não se pode educar sem ao mesmo tempo ensinar. “A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse à renovação e a vinda dos novos e dos jovens” (Arendt, 1997.p. 247).

## PALAVRAS FINAIS

Neste artigo procurei indicar, de forma bastante sucinta, um quadro de conceitos em que a autora chega à conclusão de que não podemos deixar as nossas crianças à deriva da sua própria sorte. Nem arrancar das mãos destas a oportunidade de um futuro melhor do que seus pais tiveram. Embora Hannah Arendt não tenha sido uma “Filósofa da Educação”.

Assim como a própria autora, Arendt se diz não ser uma educadora profissional, nós estudantes universitários, que também não somos educadores/as profissionais preocupamos-nos com a situação de crise na educação nos dias atuais.

O estudo que ora apresento, portanto, constitui-se em um exercício, voltando-me sobre um trabalho em processo de estudo. No objetivo de percorrer este caminho de estudar uma personagem filósofa singular como Hannah Arendt encontro dificuldades e também desafios que me animam a continuar a aprofundar leitura das suas obras.

Estudar filosofia inclui renúncias, passar o tempo na Grécia há mais de 2000 anos atrás ouvindo o que Sócrates tem a nos dizer e caminhando no tempo encontramos Kant e os modernos até chegar aos contemporâneos. E como a própria Hannah Arendt nos diz temos que ter amor para lê-los, compreendê-los e ensiná-los. Para não fazer da filosofia algo maçante e chato. Não devemos castigar os nossos alunos com a filosofia. Se não amamos a filosofia o suficiente se tornará a nossa tortura.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*, trad. Alfredo Bosi; M. fontes, São Paulo. 2003.

ARENDT, Hannah. Debates Entre o passado e o futuro. 4ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

ARENDT, Hannah. Responsabilidade e julgamento. Tradução Rosaura Einchenberg - São Paulo: Companhia das letras, 2004.

BRANDÃO, Calos Rodrigues. O que é Educação. S.Paulo: Editora Brasiliense. 1983.

MAY, Derwent, 1930 - *Hannah Arendt: a notável pensadora que lançou uma nova luz sobre as crises do século XX*: tradução de Ruy Jungmann - Rio de Janeiro: casa – Maria. Editorial: LTC - livros técnicos e científicos editora Ltda, 1998.

RUSS, Jaqueline. Dicionário de Filosofia. Trad: Alberto Alonso Muñoz. Editora Scipione. p.78. São Paulo. 1994.

YOUNG-BRUEHL, Elisabeth. *Por amor ao mundo: a vida e a obra de Hannah Arendt*. Trad. Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 1997.